

Cientista vê Presidente iludido

São Paulo — O cientista político Bolívar Lamounier recomenda dois bons lugares para o presidente Fernando Collor testar realmente sua popularidade: os subúrbios de São Paulo ou Rio de Janeiro. Mas dá um cauteloso conselho ao chefe de Governo: "Ele não deve fazer isso".

Manifestações de apoio como a dos taxistas, esta semana, só servem para iludir o Presidente, diz o especialista em política: "Não houve manifestação espontânea. Houve uma convocação para tomar conhecimento de um favorecimento financeiro. E, na oportunidade, os taxistas fizeram uma manifestação". Lamounier supõe que Collor conheça sua impopularidade: "Imagino que ele leia os jornais. Não é um homem popular. Já não era antes da crise e se tornou bem menos antes das investigações da CPI. A sociedade está 'evidentemente indignada'".

A mobilização popular, o jogo das cores verde e amarela, tudo

isso é visto pelo cientista político como uma grave imprudência: "Um acirramento de ânimos, na esperança de que isso possa lhe servir de defesa, provavelmente precipitará uma crise contrária a ele. As manifestações populares que estão começando, eu acho que vão acontecer. Muita gente acha que existe uma apatia da população. Eu não vejo apatia nenhuma. Acho que a população está acompanhando esses acontecimentos, lendo jornais, vendo televisão, ouvindo rádio". Tudo isso transformou o Governo de Collor em "um governo enfraquecido, mutilado, estropiado, atingido seriamente por denúncias de caráter moral".

Sarney melhor — O prognóstico de Bolívar Lamounier é sombrio: "Se o governo que aí está permanecer governando ele ficará muito fraco e, pior, a oposição também. Acredito que esse Governo, quando chegar ao fim, terá menos popularidade que o Sar-

ney, que entregou seu posto com 14 por cento de aprovação popular".

O cientista político só vê um bom cenário pela frente: a saída de Collor. "Se ele tivesse chance de bloquear o impeachment, utilizaria a vitória como atestado de bons antecedentes emitido pelo Congresso. Hoje, mesmo ficando, ele está vulnerável e enfraquecido. Se ele não fica, existe a questão do tempo do processo. Ao final os dois lados — Congresso e Presidente — estariam enfraquecidos. As acusações se diluiriam. Nem se manteria o Governo atual, nem se criaria outro".

Lamounier extrai um dado muito positivo de todo o imbróglio a que a Nação assiste; estarcida: "É impossível ignorar o aumento da informação e da cobrança. Essa crise é didática para o cidadão, que se vê confrontado com os mecanismos através dos quais a corrupção ocorre".